

33^a 04 OUT /
12 NOV
2021
TEMPO
RADA

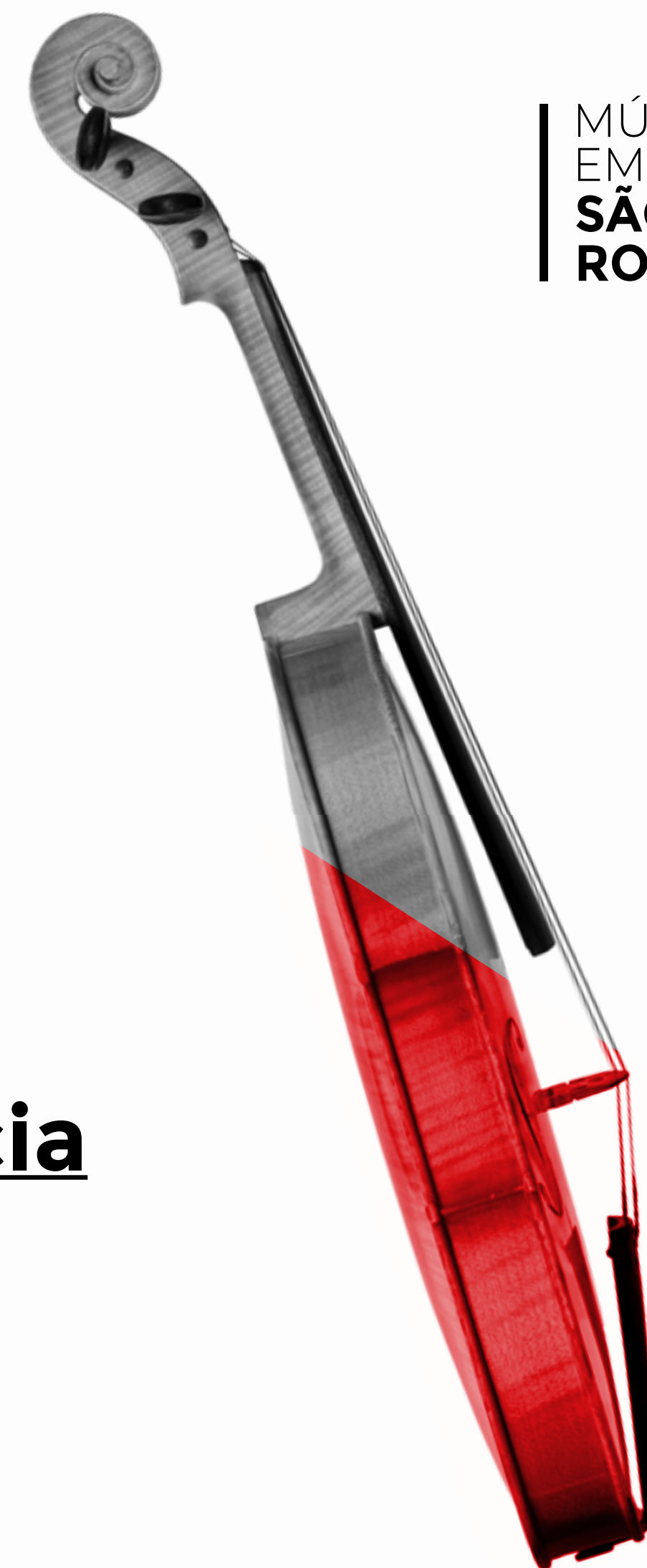
_24 out_dom / 16h30
_Convento de São Pedro de Alcântara

O Bando de Surunyo

Cambarito - cânticos de devoção e independência durante a Guerra da Restauração

Política, devoção e comédia fundem-se num programa poético e sonoro em torno dos peculiares e empolgantes tempos que se viviam em Portugal, no século XVII

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE



Hugo Sanches

Diretor Musical | Guitarra barroca

Eunice Abranches d'Aguiar_Soprano

Marta Martins_Soprano

Raquel Mendes_Soprano

Helena Correia_Alto

Patrícia Silveira_Alto

Carlos Meireles_Tenor

Gabriel Neves dos Santos_Tenor

Sérgio Ramos_Baixo

Marta Vicente_Violone

PROGRAMA

1. Conduzidos de la fama

Loa cantada em castelhano (a 7)

2. Cante glória Portugal*

Vilancico em português e castelhano (em diálogo e a 8)

3. Livre das prizoens estranhas*

Para as graças do reino – Jacra em português e castelhano (só, a 4 e a 8)

4. Cambarito maná mundele totá

Vilancico de negro (em diálogo e a 8)

5. A tributar alegria*

Vilancico em português e castelhano (só, a 4 e a 8)

6. Al supremo Rey que nasce*

Para o Natal de 663 – ensalada em castelhano, negro e ratinho (em diálogo e a 8)

7. Desbiar, desbiar

Vilancico de galegos (a 8)

As obras assinaladas com * são apresentadas em primeira audição moderna.

Todas as obras foram editadas a partir das fontes manuscritas por Hugo Sanches.

Todas as obras são de autor desconhecido, provenientes do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra entre cerca 1644 e 1663.

DESCRIÇÃO BREVE DO PROGRAMA

“Se as armas do campo vos pasmam, o canto na Igreja vos há-de pasmar”.

(Manuscrito musical 227 da Biblioteca Geral
da Universidade de Coimbra)

A Guerra da Restauração entre Portugal e Espanha (1640-1668) assistiu a um período de fecunda produção literária em defesa da causa independentista portuguesa. Para além de panfletos, tratados, sermões, teatro e poesia, foi também escrita e cantada música que exaltava a recém-entronizada casa de Bragança e alentava os portugueses ao combate contra Castela. Tendo o terramoto de 1755 obliterado a valiosíssima biblioteca musical de D. João IV, os exemplares sobreviventes deste repertório que hoje conhecemos encontram-se em manuscritos provenientes do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. É esta música que aqui resgatamos do seu longo e injusto silêncio.

Um dos aspectos mais extraordinários deste repertório é o modo como o discurso religioso e o político se fundem e até, por vezes, confundem. Desempenhando o espaço devocional um papel de primaz importância cultural e social no século XVII, a mensagem autonomista encontrava aí uma plataforma fundamental para a sua veiculação, incorporando-se nos popularíssimos vilancicos religiosos que se cantavam e representavam nas festas maiores do calendário litúrgico. Assim, é Deus Ele próprio que legitima a causa portuguesa, estabelecendo-se um paralelo entre o Seu reino e o reino de Portugal. O combate contra o demónio é o combate contra Castela. D. João IV adquire um estatuto quási-messiânico enquanto figura que salvará Portugal, espelhando a própria vinda de Cristo. Até Belém de Lisboa partilha o nome com a cidade Natal de Jesus, um recurso poético amplamente utilizado nesta música.

Destinadas aos ofícios litúrgicos de diferentes festas (com particular destaque para o Natal), as obras que aqui apresentamos (a maioria das quais em primeira audição moderna) exibem uma surpreendente combinação de louvor, patriotismo e teatralidade, adquirindo forma e matéria sonora pela mestria composicional dos músicos crúzios. É curioso – e, de certo modo, até irónico – o facto de os dois países beligerantes continuarem a partilhar, durante a guerra, a matriz cultural que haviam nutrido em conjunto durante o século e meio precedente. O idioma castelhano estava de tal modo enraizado como língua franca peninsular que os portugueses não se coíbiam de a ela recorrer para exortar à independência contra Castela, a par da sua língua materna. O próprio D. João IV, símbolo máximo do país que se reerguia, escreveu as suas obras teóricas sobre música em castelhano. Divididos nas armas, unidos na arte.

NOTAS DE PROGRAMA

“Pescou Portugal o seu Reyno: pescou Portugal a sua Coroa; advirta agora Portugal que não a pescou para a comer, senão para a conservar.”

Padre António Vieira (1642)

O levantamento dos Conjurados a 1 de Dezembro de 1640 pôs fim a 60 anos de coroa dual ibérica sob os Habsburgos. A independência tardou, porém, quase 3 décadas a consolidar. Portugal teve de travar uma longa guerra contra Espanha não só pelas armas, mas também pelas palavras. Era necessário convencer o Mundo da causa portuguesa (para angariar aliados políticos e económicos), urgia mobilizar internamente a população para o duríssimo esforço de guerra e havia que lidar com os que permaneciam fiéis ao rei castelhano. Surge assim uma torrente de livros, panfletos, sermões, obras de teatro e poesia em favor da causa autonomista... e também música, que permanece, até hoje, virtualmente desconhecida.

Este programa consiste em música composta em Portugal durante o período da Guerra de Restauração (1640-1668), a maior parte da qual em estreia moderna. Apresentamos um conjunto de obras que incorporam, em paralelo com o seu teor devocional e função litúrgica, o apoio à causa encabeçada por D. João IV. Esta confluência de registos tão díspares poderá causar estranheza aos olhos de hoje, mas compreende-se pela importância cultural e social de que se revestia então o espaço devocional. Nos locais de culto, tinham lugar, integradas na celebração litúrgica das festas mais importantes, música, dança, teatro e poesia. Não surpreende, pois, que a apologia da causa pela independência portuguesa acabasse por encontrar aí uma plataforma privilegiada para a sua disseminação.

É nos manuscritos musicais do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que se encontram os poucos exemplares deste repertório que sobreviveram até aos nossos dias (a grande maioria desapareceu irremediavelmente no terramoto de 1755). Este importante centro religioso e cultural, indissociável da própria construção da nacionalidade, colocou-se naturalmente ao lado de D. João IV e da causa portuguesa. Recolhemos aqui obras em português, castelhano, galego, crioulo e ratinho (dialecto beirão) que exibem uma extraordinária hibridação de louvor religioso, fervor patriótico e até humor. Esta refulgente e empolgante música agora resgatada, engenhosamente esculpida pelos compositores crúzios, constitui parte fundamental do nosso património histórico que não merece permanecer por mais tempo no oblívio.

TEXTOS POÉTICOS E TRADUÇÕES

1. Conduzidos de la fama

Loa cantada
MM 229

I. Romance

[Lua:] Conduzidos de la fama
todos los siete Planetas
baxamos Ciudad Augusta
a lo Augusto de tus fiestas.

Mercurio soy que no puedo
por la astucia y la elocuencia
no asistir a lo discreto
y enredos de esta Comedia.

Soy Venus propicia siempre
a la nación Portuguesa
y hasta en fingidos Amores
le faboresco deveras.

Por ty bella Lusitania
dexo la Celeste esfera
pues solamente soy Sol
mientras quieres que lo sea.

Portugueses valerosos
a buestros aplauzos llega
Marte que en la guerra os teme
y en las pazes os venera.

Soy Saturno a quien los Dioses
por mas antigo respetan
aunque agora lo festivo
me buelbe a la edad primera.

Jupiter soy Luzitanos
por veros, viengo a la tierra
dignas son buestras acciones
de que un Jupiter las bea.

I. Romance

[Lua:] Conduzidos pela fama
todos os sete Planetas
baixamos, cidade augusta,
ao agosto de tuas festas.

Mercúrio sou que não posso,
pela astúcia e eloquência,
deixar de assistir ao discreto
e enredos desta comédia

Sou Vénus, propícia sempre
à nação Portuguesa,
e até em fingidos amores
vos favoreço deveras.

Por ti, bela Lusitânia,
deixo a Celeste esfera
pois somente sou Sol
enquanto queiras que o seja.

Portugueses valorosos,
a vossos aplausos chega
Marte, que na guerra vos teme
e na paz vos venera.

Sou Saturno a quem os deuses
por mais antigo respeitam,
ainda que agora as festas
me devolvam à idade primeira.

Júpiter sou, Lusitanos,
para ver-vos venho à Terra.
Dignas são vossas acções
de que um Júpiter as veja.

II. Dança

Mudanças la Luna
Mercurio las traça
Venus los amores
el Sol verso y galas

Marte balentia
gravedad Saturno
Jupiter grandeza
todos, todos juntos.

III. Estribillo

Toquen los instrmentos
pues los Planetas conformes
a la Comedia prometen favores.

No hay que temer infortunios
pues los Planetas conformes
a la Comedia prometen favores.

II. Dança

Mudanças a Lua,
Mercúrio as traça,
Vénus os amores,
o Sol verso e galas,

Marte valentia,
gravidade Saturno,
Júpiter grandeza:
todos, todos juntos!

III. Estribillo

Toquem os instrumentos
pois os Planetas, conformes
à comédia prometem favores.

Não há que temer infortúnios
pois os Planetas conformes
à comédia prometem favores.

2. Cante glória Portugal

Vilancico em português e castelhano
MM 227

I. Diálogo (romance)

(Portugues dis)
– Cante glória Portugal
chore infortúnio Castella
os que tinha por sogeitos
lhe vão sogeitando as terras.

(Responde o Castelhana)
– Poco a poco português
templad la arrogância vuestra
que aun tiene Castilla esfuerzo
para castigar soberbios.

II. Estribillo
– Guerra, guerra, guerra
contra Castela.
– Alarma, alarma, alarma
conta los portugueses.
– Guerra, alarma, victoria
contra Castela.
– Alarma, soldados.
– Soldados, guerra.
– Que se acaba Castilla.
– Portugal comessa.
Que se acaba Castella,
Portugal comessa.

I. Diálogo (romance)

Português diz:
– Cante glória Portugal
chore infortúnio Castela
os que tinha por sujeitos
lhe vão sujeitando as terras.

Responde o Castelhana:
– Devagar, português,
temperai a arrogância vossa
que ainda tem Castela valor
para castigar soberbos.

II. Estribillo
– Guerra, guerra, guerra
contra Castela!
– Alarma, alarma, alarma
conta los portugueses!
– Guerra, alarma, vitória
contra Castela!
– Alarma, soldados!
– Soldados, guerra!
– Que se acaba Castilla!
– Portugal começa!
Que se acaba Castela,
Portugal começa

3. Livre das prizoens estranhas

Para as graças do Reino
Jacra em português e castelhano
MM 235

I. Romance 1º

Livre das prizoens estranhas
em que esteve tantos anos
goza outra ves Portugal
aquele tempo dourado.

II. Romance 2º

Ola Cherubes divinos
que em balcones de chrystal
viendo estais alegres fiestas,
porque tantas fiestas hay?
Porque nace a Portugal
nuevo Rey para la Iglesia
y em la guerra nueva pax.

Porque razon em la tierra
com tanta solenidad hay
tan grandes alegrias
y tantos placeres ay?
Porque nace a Portugal...

Porque respecto las Aves
ostentando suavidad
este dia solemnizan
con prazer tan singular?
Porque nace a Portugal...

III. Rep. de Jacra
Pues ya que de la piedad
nace um Reino que el Dios mismo
en la Cruz fue llebantar
digan todos que su Imperio
todo el Orbe abarcará
y digan mas
que será contra el Infierno
del mundo la libertad.

Digan todos que ha nacido
para gloria singular
del cielo el Reino que nace
de la Crus de la deidad
y digan mas...

I. Romance 1º

Livre das prisões estranhas
em que esteve tantos anos,
goza outra vez Portugal
aquele tempo dourado.

II. Romance 2º

Olá, Querubins divinos
que em balcões de cristal
vendo estais alegres festas,
porque tantas festas há?
Porque nasce a Portugal
novo Rei para a Igreja
e na guerra nova paz.

Por que razão na terra
com tanta solenidade há
tão grandes alegrias
e tantos prazeres há?
Porque nasce a Portugal...

Porque respeito as aves
ostentando suavidade
este dia solemnizam
com prazer tão singular?
Porque nasce a Portugal...

III. Resposta – Jacra
Pois já que da piedade
nasce um Reino que o próprio Deus
na Cruz foi levantar,
digan todos que seu Império
toda a Orbe abarcará,
e digam mais:
que será contra o Inferno
do Mundo a liberdade.

Digan todos que nasceu
para glória singular
do céu o Reino que nasce
da Cruz da deidade
e digam mais...

Digan todos que renace
qual Phenix por se mirar
entre mil llamas de embidia
que a Castilla abrasará
y digan mas...

Digan que el Cielo y la tierra
quieren su felicidad
por principio del contento
y fin de todo el pesar
y digan mas...

4. Cambarito maná mundele totá

Vilancico de negro
MM 232

I. Diálogo (redondilhas)

– Plimo, plimo que gritá?
– Venimo turo espantaro,
que esse noite sá muy craro
e na ceo ouvi cantá. Que será?

– Não veze que naciro há,
Dezo Minino no terra
e que baxá? Desse terra
turo pastor adorá. Y chola...

– Não tem mama que le dá
ó faze coco a menino?
– Nara desse, me mazino.
Vamo le logo alegrá con bailá

turo lo neglo que aqui sá
e cantando un cantiga,
sem que branco nozo diga,
comessemo nozo cantá:

II. Reposta

Turo lo neglo le vamo a ver
a menino que naciro há.
Guambá, guambá!
He he he!

Digam todos que renasce
qual Fénix por se ver
entre mil chamas de inveja
que a Castela abrasará
e digam mais...

Digam que o Céu e a Terra
querem sua felicidade
para principio do contentamento
e fim de todo o pesar
e digam mais...

I. Diálogo (redondilhas)

– Primo, primo, que gritas?
– Vimos todos espantados
que esta noite está tão clara
e no Céu ouve-se cantar. Que será?

– Não vês que já nasceu
o Deus Menino na terra
e cá baixou? Desta terra,
todo o pastor o está a adorar. E chora...

– Não lhe dão de mamar
ou assustam o menino?
– Nada disso, imagino.
Vamos logo alegrá-lo a bailar

todo o negro que aqui está,
e cantando uma cantiga,
sem que o branco no-lo diga,
comecemos o nosso cantar:

II. Resposta

Todos os negros o vamos a ver,
ao Menino que nasceu!
Guambá, guambá!
He, he, he!

III. Coplas (romance)

Agola que samo
cá nesse portalo,
fassé muito fessa
a seoro branco.
Cambarito maná
mundele tota!
Casupe, casupe!
He he he!

Prima Magalena
se saber bayamo,
que esse nozo Rey não,
já não sá Caseano.
Cambarito...

De ver a mozeque
sá turo espantaro
que chola de flio
e nozo frugamo.
Cambarito...

També coa menino
viva Zoão quarto
que turo lo pleto
su amigo samo.
Cambarito...

Prima Fransequia
não toma Tabaco
que palese pletia
[pletia] de Diabo!
Cambarito...

Faze muto frio
e não tem malaso,
andaremo quente
se muto saltamo.
Cambarito...

III. Coplas (romance)

Agora que estamos
aqui neste portalo,
 façamos grande festa
ao senhor branco.
Cambarito! Infante!
Homem branco! Ao alto!
Casupé! Casupé!
He, he, he!

Prima Madalena,
se sabes, bailemos,
que este nosso rei
já não é castelhano.
Cambarito...

De ver o moleque
está tudo espantado
porque chora de frio
enquanto nós festejamos.
Cambarito...

Também com o menino
viva João quarto,
que todos os negros
seus amigos somos!
Cambarito...

Prima Francisquinha,
não fumes tabaco
que parecez negra
(negra) feiticeira!
Cambarito...

Faz muito frio
mas não tem mal,
ficaremos quentes
se muito saltarmos.
Cambarito...

33ª TEMPORADA

5. A tributar alegria

Vilancico em português e castelhano
MM 243

I. Romance 1º

A tributar alegria
al mas felix nacimiento
salen diversas zagalas
con instrumentos diversos.

II. Coplas (romance 2º)

Inda que sou gramadeira
não venho gramar ao posto,
venho ver hum mancebinho,
que val mais que hum pino de ouro.

Oula outra ves oula
que dizem cá e que fazem lá
quem tiver o Amor pequenino
repenicote que fará

O galante que em namoro
se bem nas palhas está
não cuideis não Castelhana
que em palhas me há de pagar.

Oula outra ves oula...

Pequenino he meu damo
mas assi lhe quero mais
porque sendo pequenino
muito mais que os grandes val.

I. Romance 1º

A tributar alegria
ao mais feliz nacimiento
saem diversas zagalas
com instrumentos diversos.

II. Coplas (romance 2º)

Inda que sou gramadeira
não venho gramar ao posto,
venho ver hum mancebinho,
que vale mais que um pino de ouro.

Oulá, outra vez oulá,
que dizem cá e que fazem lá?
Quem tiver o Amor pequenino
repenicote que fará.

O galante que em namoro
se bem nas palhas está
não cuideis não, Castelhana,
que em palhas me há de pagar.

Oulá, outra vez oulá...

Pequenino é meu damo
mas assim lhe quero mais
porque sendo pequenino
muito mais que os grandes vale.

Oula outra ves oula...

Suposto que está tam frio
não cuideis que he mao sinal
que de ver-me outros amores
eu sey que tremendo está

Oula outra ves oula...

Cantemos-lhe algũa cousa
zagalas de Portugal
que he Portugues o meu damo
em que pes[e] a quem pesar.

Oula outra ves oula...

III. Reposta 1ª

Pequenino que sendo tam grande
por Amor vos limitais
adverti que não cabe a grandeza
nos limites de hum portal,
mas, ay, que este amor
vos fes taõ pequenino
vos fazeis muy grande
taõ breve lugar.

Vinde principe de Pax
e fazei meus amores as pazes,
de Castela e Portugal.

Oulá, outra vez oulá...

Suposto que está tão frio
não cuideis que é mau sinal
que de ver-me outros amores
eu sei que tremendo está.

Oulá, outra vez oulá...

Cantemos-lhe alguma cousa
zagalas de Portugal
que é português o meu damo
em que pese a quem pesar.

Oulá, outra vez oulá...

III. Resposta 1ª

Pequenino que sendo tão grande
por Amor vos limitais
adverti que não cabe a grandeza
nos limites de um portal,
mas, ai, que este amor
vos fez tão pequenino
vós fazeis mui grande
tão breve lugar.

Vinde Príncipe de Paz
e fazei meus amores as pazes,
de Castela e Portugal.

IV. Romance 3º

Cae-lhe a mantilha
eu lha vi cair,
naõ choreis meus olhos
vou vo-la cobrir.

V. Reposta 2ª

Que brilhante, que lindo, que rico
que fermoso e que gentil
hum diamante nas palhas se
esconde
disfarçado em hum rubi.

Aqui está o galante, zagalas
que a Castela faz fugir.

Ai que flor,
ai que jasmim
se tal he Dezembro
nunca chegue Abril.

O Bando de Surunyo

**Cambarito – cânticos de devoção e independência
durante a Guerra da Restauração**

IV. Romance 3º

Cai-lhe a mantilha
eu lha vi cair,
não choreis meus olhos
vou vo-la cobrir.

V. Resposta 2ª

Que brilhante, que lindo, que rico
que fermoso e que gentil
um diamante nas palhas se esconde
disfarçado em um rubi.

Aqui está o galante, zagalas
que a Castela faz fugir.

Ai, que flor,
ai, que jasmim
se tal é Dezembro
nunca chegue Abril.

6. Al supremo Rey que nasce

Para o Natal de 663

Enselada em castelhano, negro e ratinho

Reconstruída a partir dos MM 229, 233, 239 e 243, e do libreto de vilancicos cantados no Convento de N. Sra. da Graça (Lisboa, Natal de 1646)

I. Diálogo 1º (romance 1º)

(Castelhano)

– Al supremo Rey, que nace, Dios niño, de una Donzella, alegres los pastorsillos hazen danças, cantan letras.

Repitolas yo Español, que pues Castilla es Princeza de un Príncipe los aplausos solo un Español los cuenta.

(Ratinho)

– Ah bofé sor Castrijano que de coiração me peza de bos ver essa fumaça que vos derranca a moleyra.

Que esse falso testemunho, com que aleuantais Castella nillo tempore seria, hoje corre outra moeda.

E com letreirinho à roda, que sofinica, & soletra ser o Rey, D. João o quarto, que Deos mil años mantenha.

Pello que a mi só me toca (se vai pella fidalguesa) parolear essa estorlia por Portugues de nascença.

I. Diálogo 1º (romance 1º)

(Castelhano)

– Ao supremo Rei que nasce, Deus menino de uma Donzella, alegres os pastorinhos fazem danças, cantam letras.

Repito-as eu, Espanhol, que, pois, Castela é Princesa de um Príncipe. Os aplausos só um Espanhol os conta.

(Ratinho)

– Ah, bofé, senhor Castelhano, que de coração me pesa de vos ver essa fumaça que vos derranca a moleira.

Que esse falso testemunho com que alevantais Castela nillo tempore seria, hoje corre outra moeda.

E com letreirinho à roda que significa e soletra ser o rei D. João o quarto, que Deus mil anos mantenha.

Pelo que a mim só me toca (se vai pela fidalguia) parolear essa estorinha por português de nascença.

(Castelhano)

– Pero vaya, y cada uno diga al uzo de su tierra de aquello con que al Dios niño los pastores hazen fiestas.

(Ratinho)

– Eu sicais faço o começo com cantiguinhas da Beyra como os meus Ratinhos dizem ao Sol quando ha competencia.

II. 1ª reposta (romance 2º)

Quando vos eu vi meu mano chorando nesse portal logo mo coração dixo que hera trajo de mortal.

Oyna, oyna, ninay nina, Oyna, oyna, ninay não oyna, oynara ninay nina, oyna, oynara ninay não.

Quando vos eu vi meu mano vir de pás e não de guerra logo vós me parecestes o senhor de Salvaterra.

Oyna ninay nina...

Quando vos eu vi nascido em Dezembro riguroso logo eu disse que trazíeis o fogo de amor bondoso.

(Castelhano)

– Pois vá e cada um diga ao uso de sua terra aquilo com que ao Deus menino os pastores fazem festas.

(Ratinho)

– Eu faço o começo com cantiguinhas da Beira como os meus Ratinhos dizem ao Sol ao desafio.

II. 1ª reposta (romance 2º)

Quando vos eu vi meu mano chorando nesse portal logo me o coração disse que era trajo de mortal.

Oina, oina, ninai nina, Oina, oina, ninai não oina, oinara ninai nina, oina, oinara ninai não.

Quando vos eu vi meu mano vir de paz e não de guerra logo vós me parecestes o senhor de Salvaterra.

Oina, oina, ninai nina...

Quando vos eu vi nascido em Dezembro riguroso logo eu disse que trazíeis o fogo de amor bondoso.

Oyna ninay nina...

Quando vos eu vi meu mano nos braços dessa donzella logo mo coração dixo que eras sol e ela estrela.

Oyna ninay nina...

Coração de minha vida como menino choroso por teres amor no peito amor provocay ós olhos.

Oyna ninay nina...

III. Castelhano só (romance 1º cont.)

(Castelhano)
– Cesse ya el llorar Ratiño. que no dice llanto en fiestas, mande sus lamentaciones a un miercoles de tenieblas.

Y escuche con atencion unas alegres endechas, con que ayudó a los pastores el sacristan de Valencia.

Oina, oina, ninai nina...

Quando vos eu vi meu mano nos braços dessa donzella logo mo coração disse que eras sol e ela estrela.

Oina, oina, ninai nina...

Coração de minha vida como menino choroso por teres amor no peito amor provocaí aos olhos.

Oina, oina, ninai nina...

III. Castelhano só (romance 1º cont.)

(Castelhano)
– Cesse já o chorar, Ratinho. que não se diz pranto nas festas mande suas lamentações a uma 4ª feira de trevas

e escute com atenção umas alegres endechas, com que ajudou aos pastores o sacristão de Valência.

33ª TEMPORADA

IV. 2ª resposta (romance 3º)

A la puerta del Alcalde
los Zagales de l'Aldea
consertaron hazerse un baile
como es costumbre en la fiesta.

*No me mandes que dance,
Casandra bella,
que en lugar de mudanças
haré firmezas.*

Iba Casandra de verde,
tan hermosa que pudiera
ostentar, hermosa, al alba
vertiendo a la primavera.

No me mandes que dance...

V. Negro só (romance 1º cont.)

(Negro)
– Acaba zá, Cassiano,
que vay os cantiga negla
muto bem posto no sorfa,
más que vosso sansroneta.

VI. 3ª resposta (chançoneta de negro)

(Negro 1º)
– Baciaõ!
(Negro 2º)
– Flunando!
– Flancico!
– Palente!
– Placero, nozo gelação:
juntamo nozo pandorga
noso fessa de tambalalam.

(Negro 3º)
– Eu sá Capitão
dos Pleto de Angola
tempelai esse bitangola,
e fazeime huma Rojão.

IIV. 2ª resposta (romance 3º)

À porta do Alcalide
os zagais da aldeia
concertaram fazer-se um baile
como é costume na festa.

*Não me mandes que dance,
Cassandra bela,
que em lugar de mudanças
farei firmezas.*

la Cassandra de verde
tão formosa que poderia
ostentar, formosa, a alva
vertendo a primavera.

No me mandes que dance...

V. Negro só (romance 1º cont.)

(Negro)
– Acaba já, Castelhana,
que se segue a cantiga negra
muito bem posta em solfa [música],
mais do que a vossa chançoneta.

VI. 3ª resposta (chançoneta de negro)

(Negro 1º)
– Sebastião!
(Negro 2º)
– Fernando!
– Francisco!
– Parentes! P
– Parceiros, nossa geração:
juntemos a nossa pandorga,
nossa festa de tambalalão.

(Negro 3º)
– Eu sou capitão
dos negros de Angola,
afinai essa bitangola
e fazei-me um rojão.

De guguluga, de tambalalan,
de glande folia,
que cos fessa cos leglia
me say polas oyo mia colaçam.

(Castelhano)
– A las puertas desta iglesia,
por noche de navidad,
oir quiero a los aplausos
que a Dios nel pesebre dan.

(Negros 2º e 3º)
– Faça dahi Cassiano, ayo,
naõ faze coca os minino
que sa nos paja chorando, ayo,
pala sarva os pretinho.

Ha, ha, ha, corre baya,
que esses Campo se abrazá
ploque Sol está na Chaõ
que taõ palatão,taõ taõ taõ
que tumpulutum, tum tum tum
que tum, que taõ,
que taõ, que tum
guluguluga, gulugulugu
guluguluga, gulugulugaõ.
Os [oyo] na Ceo
gioyo na Chaõ
façamo lo solfa
nos palma da mão.
Que taõ palatão
que tumpulutum.
Flutaý pequenina,
mia Colaçaõ,
taõ taõ, taõ taõ,
forrai os Pletyo
siolo Zezu,
tum tum, tum tum,
guluguluga, gulugulugu.

De guguluga, de tambalalão,
de grande folia,
que com a festa e com a alegria
me sai pelos olhos o meu coração!

(Castelhano)
– Às portas desta igreja,
pela noite de Natal,
ouvir quero os aplausos
que a Deus no presépio dão.

(Negros 2º e 3º)
– Afasta-te daí Castelhana, aiõ!
Não assustes o menino
que está na palha chorando, aiõ,
pala aos negros salvar.

Ha, ha, ha! Correr! Bailar!
Que esses campos se abrasam
porque o Sol está no chão.
Que tãopalatão, tão, tão, tão,
que tumpulutum, tum, tum, tum,
que tum, que tão,
que tão, que tum,
gulugulugá, gulugulugu,
gulugulugá, gulugulugãõ.
Os olhos no céu,
joelhos no chão,
façamos a solfa
na palma da mão.
Que tãopalatão,
que tumpulutum.
Frutificai, Pequenino,
meu coração,
tão tão, tão tão,
Alforriai-nos,
Senhor Jesus,
tum tum, tum tum,
gulugulugá, gulugulugu!

VII. Ratinho só (romance 1º cont.)

(Ratinho)
– Demos fim cuma dancinha
á guiza da minha terra,
quando se junta [à] folia,
que he a mayor refestella.

VIII. 4ª resposta (letrilha)

Preso me tem vossos bellos olhinhos
rede bos tem esse lindo mirar:
Ai embarcei-me, desembarcei-me.
ai nunca me pude desembaraçar.

Não sei que fasqueis
com essa gracinha,
porque esta alma minha
logo ma prendeis
mas folgo que olheis
por mais me enredar.
Ai embarcei-me, desembarcei-me.
ai nunca me pude desembaraçar.

O Bando de Surunyo

**Cambarito – cânticos de devoção e independência
durante a Guerra da Restauração**

VII. Ratinho só (romance 1º cont.)

(Ratinho)
– Demos fim com uma dancinha
à guisa da minha terra,
quando se junta à folia
que é a maior refestela.

VIII. 4ª resposta (letrilha)

Preso me têm vossos bellos olhinhos
rede vos tem esse lindo mirar
embarcei-me, desembarcei-me,
nunca me pude desembaraçar.

Não sei que fazeis
com essa gracinha,
porque esta alma minha
logo ma prendeis,
mas folgo que olheis
por mais me enredar.
Embarcei-me, desembarcei-me,
nunca me pude desembaraçar.

7. Desbiar, desbiar

Vilancico de galegos
MM 239

(Galegos)
– Desbiar, desbiar
qua gente Galega
bos quer bir cantar, Ai.

(Portugueses)
– Alargueiremo-nos;
que entra a festa dos galegos.

(Português só)
– Galegos vindes errados;
porque mais facil será
hir hoje a Belém de Juda
que a Belen de Portugal.

(Galego só)
– Portugues nom tendes rason
quos nossos Galeguinhos
Amiguinhos bos som.

(Português só)
– Primeiro aveis de dizer;
quem vos cá deixou passar
que não sei se Salvaterra
salvo conduto vos dá
vindes de guerra ou de Pax.

(Galegos)
– Desviar, desviar,
que a gente galega
vos quer vir cantar!

(Portugueses)
– Alargueiremo-nos,
que entra a festa dos galegos!

(Português só)
– Galegos, vindes errados
porque mais fácil será
ir hoje a Belém de Judá
que a Belém de Portugal!

(Galego só)
– Português, nom tendes razom,
que os nossos galeguinhos
amiguinhos vos som.

(Português só)
– Primeiro haveis de dizer
quem vos cá deixou passar,
que não sei se Salvaterra
salvo conduto vos dá!
Vindes de guerra ou de paz?

(Galego só e galegos todos)
– E se nos de pax nom bimos,
que diabro ha cá dentrar.
hoje tudo he Salbaterra;
pois á terra Deos bem salbar.

Ai minha Nai
que velo menino,
nom pode leixar
de non ser galeguinho.

Pois à Terra tragueis pax
ó pasado, ay
benha Galiza para Portugal
Ai, ma canté quem já bira tal.

Quedaibos, emvora,
meu Deos da minha Alma,
la me quedaõ os olhos
na bossa pouchana

(Galego só e galegos todos)
– E se nós de paz nom vimos
que diabro há cá de entrar
hoje tudo é Salvaterra
pois a terra Deus vem salvar.

Ai, minha nai,
que vel'o menino
nom pode leixar
de nom ser galeguinho!

Pois à terra trazeis paz
ao passado, ai,
venha Galiza para Portugal!
Ai, [que] ma cante quem já vira tal!

Quedai-vos, embora,
meu Deus da minha alma,
lá me quedem os olhos
na vossa pouchana.

Textos poéticos transcritos segundo a grafia das fontes originais.
Tradução e edição para português actual por Hugo Sanches.

Legenda:
MM – Manuscrito Musical Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra



DADOS BIOGRÁFICOS

O Bando de Surunyo

O Bando de Surunyo é um ensemble especializado na interpretação de música dos séculos XVI e XVII. O nome é retirado de um vilancico seiscentista português e significa “bando de estorninhos”. O ensemble é a frente interpretativa e laboratorial de um projecto multidisciplinar que incide particularmente sobre repertório inédito albergado por fontes portuguesas, apresentando em quase todos os seus concertos obras inéditas em primeira audição moderna. O projecto abrange, porém, música tanto de aquém como de além-fronteiras, tendo como objectivo proporcionar ao público, através da música e da poesia, o contacto com a pluralidade, ecletismo e riqueza do pensamento e imaginário do renascimento e barroco europeus.

Os nossos concertos são preparados sobre uma rigorosa base de investigação musicológica e no estudo aprofundado do contexto histórico e cultural da música que interpretamos. Todas as obras são preparadas directamente a partir dos manuscritos ou impressos originais e interpretadas utilizando instrumentos e práticas interpretativas historicamente informadas.

A íntima relação entre som e palavra que emerge na música na transição do Quinhentos para o Seiscentos é o eixo central da abordagem d'O Bando de Surunyo ao estudo e interpretação do repertório. O som colocava-se então ao serviço do texto, veiculando, ilustrando e potenciado o seu conteúdo poético e afectivo. A transmissão eficaz e eloquente desse conteúdo nas suas múltiplas leituras e funções — literal, teatral, histórica, simbólica, religiosa, política e filosófica — constitui a base para a construção de uma concepção interpretativa que persegue hoje o mesmo objectivo da música de então: divertir e comover o público através da palavra, do gesto e do som. Todo o projecto assume pois um alcance estético e comunicativo alargado onde, fazendo uso de práticas interpretativas e sonoridades históricas, se procura criar um objecto artístico pertinente, significativo e impactante para o público de hoje.

O Bando de Surunyo tem realizado concertos de norte a sul de Portugal e no estrangeiro, destacando-se os seguintes: IV, V, VI, VII, VIII e IX Jornadas Musicológicas Mundos e Fundos (Coimbra, 2015-2020); II Festival Internacional de Dança Portingaloise (V. N. Gaia, 07/2016); V Festival de Música Antiga Sons Antigos a Sul (Lagos, 08/2016); 3º Festival Internacional de Guitarra de Lagoa (Lagoa, 09/2016); Ciclos Musicórdia MMXVI e MMXVIII (Esposende, 2016 e 2018); Ciclo Cultura Viva - Fundação Manuel António da Mota (Porto, 12/2016); IX Festival dos Descobrimientos (Lagos, 05/2017); Festival Internacional Gaia todo um mundo (V. N. Gaia 06/2017); Festival CA Noroeste (Ponte da Barca 03/2018); Música em SI Maior (ciclo de música barroca) - temporadas 2018 e 2019 (Loures); Dia Especial de Natal Euroradio / Antena 2 com transmissão radiofónica mundial (Lisboa, 12/2018); 1º Ciclo de Música Barroca (Cambados, Espanha, 08/2019); 8º Festival Internacional de Música Antiga Abvlensis (Ávila, Espanha, 08/2019); Encontros Internacionais de Música Antiga de Loulé Francisco Rosado (Loulé, Portugal, 10/2019); Festivais de Outono (Aveiro e Águeda, 11/2019); 9º Fora do Lugar – Festival Internacional de Músicas Antigas (Idanha-a-Nova, 09/2020); 32ª Temporada de Música em S. Roque (10/2020, Lisboa); Festival Internacional de Música da Primavera de Viseu (04/2021).

O Bando de Surunyo é dirigido por Hugo Sanches, doutorado com distinção e louvor em Estudos Musicais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre e licenciado em Interpretação Musical (música antiga - alaúde) pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE, Porto), e pós-graduado em psicologia da música pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Reparte a sua actividade entre a interpretação, o ensino e a investigação, especializando-se em música dos séculos XVI e XVII nos domínios tanto da prática interpretativa, como da teoria e pensamento estético e filosófico. É presentemente coordenador do Curso de Música Antiga da ESMAE e professor convidado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É ainda investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra onde se dedica sobretudo ao estudo, edição e interpretação do repertório musical ibérico inédito do século XVII.



Convento de São Pedro de Alcântara

O Convento de São Pedro de Alcântara é uma construção do séc. XVII, anterior ao terramoto de 1755. A sua edificação deve-se ao primeiro marquês de Marialva e conde de Cantanhede que, em 1665, na Batalha de Montes Claros (guerra da Restauração) fez um voto de fundar um convento em Lisboa dedicado a São Pedro de Alcântara.

A Igreja, apresenta no seu interior decoração barroca joanina, vinda do Convento de Mafra no período do pós-terramoto e merece, por si, a visita. No conjunto sobressaem os altares em talha dourada, a iconografia franciscana, o teto pintado em grissaille e a pintura em marmoreado das paredes. Sobre estas destacam-se três grandes pinturas da época joanina. A capela-mor integra a pintura de Bento Coelho da Silveira e de André Gonçalves, complementadas, mais tarde, pela obra de Luciano Freire.

Filipe Carvalho

Diretor artístico

Temporada Música em São Roque

Filipe Carvalho é formado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa e em Direção pela Universidade de Cincinnati (Estados Unidos). Desenvolveu ainda estudos de aperfeiçoamento em Composição com Emmanuel Nunes (França) e Karlheinz Stockhausen (Alemanha) e de Direção de Orquestra com Donato Renzetti (Itália) e Jorma Panula (Finlândia). Como maestro tem-se apresentado sobretudo na Dinamarca, Suécia, Áustria, Inglaterra, Polónia e Alemanha.

É atualmente maestro titular da Kammerorkestret Musica e do Kammerkoret Musica (Copenhaga).

Como maestro convidado ou assistente tem ainda colaborado com diversas orquestras e coros no norte da Europa, destacando-se a sua colaboração com o Teatro Real (Ópera de Copenhaga) e a Opera Hedeland (Hillerød).

Em concursos internacionais conquistou por duas vezes o Conductors Prize, na Polónia em 2013 e em Espanha em 2015.

Em 2015 gravou o CD “Kvindestemmer” e dirigiu no Castelo de Kronborg, Helsingør, o concerto de gala para o lançamento da organização de cooperação internacional “Transition”, transmitido em direto para a Dinamarca, Suécia, Hungria, Japão e Índia.

A convite da Rainha Margrethe II da Dinamarca dirigiu o concerto comemorativo dos 100 anos de direito de voto feminino naquele país. Desde 1989, o Maestro e compositor Filipe Carvalho é o diretor artístico da Temporada Música em São Roque, organizada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.



PRÓXIMO CONCERTO

_29 out_sex / 21h00

_Convento de São Pedro de Alcântara

Concerto Campestre

“Más no puede ser”

O vilancico barroco na Península Ibérica
no início do séc. XVIII

CULTURA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa